



Roteiros dos fortes: diálogo, pertencimento e webdocumentário no planejamento turístico

Roteiro dos fortes: dialogue, belonging and webdocumentary in tourism planning

Roteiro dos fortes: diálogo, pertenencia y webdocumentário em laplanificación del turismo

Marisa Egrejas < marisaegrejas@gmail.com >

Professora do Curso Técnico em Turismo do Colégio Estadual Antônio Prado Júnior, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

André Paz < andredapaz@gmail.com >

Professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Roberto Bartholo < bartholo.roberto@gmail.com >

Professor titular do Programa de Engenharia de Produção, Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

CRONOLOGIA DO PROCESSO EDITORIAL

Recebido 20-jul-2015

Aceite 27-nov-2015

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTA ARTIGO

EGREJAS, M.; PAZ, A.; BARTHOLO, R. V. Roteiros dos Fortes: diálogo, pertencimento e webdocumentário no planejamento turístico. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 15 n. 3., p.240-250, dez. 2015.

REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



PATROCÍNIO



Resumo: Entre 2012 e 2014, pesquisadores de três diferentes Universidades Federais do Rio de Janeiro, em parceria com o Exército Brasileiro, desenvolveram um projeto para a criação de um elenco de roteiros turísticos e de um webdocumentário, visando resgatar a memória e reforçar a importância de cinco fortificações da barra da Baía da Guanabara compostas como Sistema de Defesa (Forte Copacabana, Forte Duque de Caxias, Fortaleza São João, Fortaleza Santa Cruz da Barra, Forte São Luiz e do Pico). As características dos sítios suscitaram uma abordagem diferenciada para o planejamento turístico considerando especialmente o significado desses espaços para os que ali trabalham ou frequentam. A metodologia de criação de roteiros diferiu das tradicionais pela ênfase no diálogo como suporte para as tomadas de decisão, objetivando a harmonização das demandas e dos interesses dos envolvidos e o equilíbrio na divisão dos benefícios. Esse artigo apresenta um resumo do projeto, seus aportes teóricos e a produção do webdocumentário.

Palavras-chave: Roterização dialogal; Pertencimento; Fortificações; Webdocumentário.

Abstract: Between 2012 and 2014, researchers from three different Federal Universities of Rio de Janeiro, in partnership with the Brazilian Army, developed a project for creating a cast of tourist itineraries and a webdocumentary, in order to retrieve the memory and reinforce the importance of five Guanabara Bay fortifications (Copacabana Fort, Fort Duque de Caxias, Fortaleza São João, Fortaleza Santa Cruz da Barra, Forte São Luiz e Pico). The characteristics of the sites have raised a differentiated approach to tourism planning considering the significance of these spaces for those who works or lives there. The methodology of creating itineraries differed from the traditional emphasis. It was based on dialogue as support for decision-making, aiming to harmonize the demands and interests of those involved and the balance in the sharing of benefits. This article presents a summary of the project, its theoretical contributions and the production of the webdocumentary.

Keywords: Dialogical routing; Belonging; Fortification; Webdocumentary.

Resumen: Entre 2012 y 2014, los investigadores de tres diferentes universidades federales em Río de Janeiro, em colaboración com el Ejército brasileño, desarrollaron un proyecto para la creación de un elenco de itinerarios turísticos y un webdocumentario, com el fin de recuperar la memoria y reforzar la importancia de cinco fortificaciones em la Bahía de Guanabara (Fuerte de Copacabana, Fuerte Duque de Caxias, Fortaleza São João, Fortaleza de Santa Cruz da Barra, Forte São Luiz y Pico). Las características de los sitios han planteado un enfoque diferenciado para la planificación del turismo, especialmente teniendo em cuenta la importancia de estos espacios para los que trabajan y viven en los fortes. La metodología de la creación de itinerarios difería del énfasis tradicional. Se utilizó el diálogo como apoyo a la toma de decisiones, com el objetivo de armonizar las demandas e intereses de los involucrados y el equilibrio em el reparto de los beneficios. En este artículo se presenta um resumen del proyecto, sus aportes teóricos y la producción de webdocumentario.

Palabras clave: Creación de Rutas; Diálogo; Fortificaciones; Webdocumentario.

Introdução

O projeto *Roteiros dos Fortes: circuitos turísticos em fortes e fortalezas da Baía da Guanabara* foi criado e desenvolvido tendo por base a teoria dos *Sítios Simbólicos de Pertencimento* sistematizada por Hassan Zaoual (ZAOUAL, 2006). Segundo esse autor, os sítios são lugares, não necessariamente geográficos, que guardam relações com seus habitantes ou com seus aderentes, conferindo-lhes, tanto ontologia, como cultura e sentido social. São eles próprios guardiões da memória social, dos saberes e fazeres coletivos, proporcionando aos habitantes um sentido de pertencimento. No desenvolvimento de suas pesquisas, o autor verifica, ainda, que os projetos e planos exógenos que não têm raízes no sítio não funcionam ou estão fadados ao fracasso (ZAOUAL, 2009), justamente por não conectarem com a *vida vivida* dos habitantes do sítio.

A opção de construir roteiros assentados nesses conceitos impõe uma abordagem diferenciada para o tratamento da circulação turística, que tenha ênfase na compreensão do espaço físico e social, de sua condição plural e intercultural, de suas especificidades materiais e imateriais e a ética local.

Experiências anteriores de construção de roteiros baseados em tais conceitos forjaram uma metodologia de roteirização que tem como pilar principal o diálogo entre as partes interessadas: visitantes, habitantes e técnicos. Intitulada como roteirização dialógica, essa metodologia vem se mostrando especialmente adaptada para experiências de turismo situado. Ou seja, para a construção de roteiros de visitação e circulação em lugares de interesse turístico que são sítios simbólicos de pertencimento para seus habitantes, sendo que, seu principal atrativo reside, justamente, nessa característica. Isso quer dizer que os impactos causados pela circulação de pessoas estranhas ao ambiente podem provocar expressivas alterações que acarretem, além dos desequilíbrios econômicos, culturais e sociais, a perda da própria atratividade.

A partir da perspectiva apontada por Zaoual, bem como a opção pelas relações dialógicas, o projeto realizou um webdocumentário em sintonia com os princípios teóricos das pesquisas. Na atualidade, há uma série de obras interativas que utilizam as mídias digitais, a transversalidade de linguagens e uma variedade de plataformas, gerando produtos híbridos, entre o documentário e a obra artística (arte interativa, netart, instalações, living documentary, webdocumentário). Dentro dessa gama de projetos, existem aqueles que se articulam com projetos de pesquisa acadêmica, sobretudo em alguns países como França e Canadá. As características dessa frente de possibilidades se mostraram compatíveis com os princípios do projeto, justificando a produção de um webdocumentário simples que se articula com o resto da pesquisa e do projeto.

O projeto

O mote para a criação dessa inovadora articulação entre três instituições acadêmicas na área do turismo e o Exército Brasileiro foi o Edital Pensa Rio 2011 (FAPERJ). Foi proposto pelo Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (LTDS) do Programa de Engenharia de Produção, do Instituto Alberto Luiz de Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia (COPPE), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi desenhado juntamente com a Diretoria de Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEx). Contou com a participação do Curso de Turismo da Universidade Federal Fluminense (UFF), do Curso de Turismo da Universidade Federal Rural do Rio de

Janeiro (UFRRJ) e do Curso de Engenharia de Produção da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). O grupo de pesquisadores contou ainda com a participação de Mestrandos e Doutorandos do Programa de Engenharia de Produção da COPPE/UFRJ e de alunos de Graduação do Curso de Turismo da UFF.

Foi desenvolvido entre os meses de agosto de 2012 e julho de 2014 com o objetivo de estimular a visitação aos fortes e fortalezas da barra da Baía da Guanabara, compreendidos como patrimônio histórico fluminense e brasileiro, buscando fortalecer os vínculos identitários e a preservação da memória social e cultural desses espaços. Tratou-se de um projeto de concepção de um elenco de roteiros de visitação, considerando a integração de seis fortificações entre si e entre essas e seu entorno: Forte de Copacabana, Forte Duque de Caxias (Leme), Fortaleza de São João (Urca), Forte São Luiz e Forte do Pico (Unidades do Forte Rio Branco, Jurujuba), Fortaleza de Santa Cruz da Barra (Jurujuba, Niterói).

Com a finalidade de sistematizar e divulgar os roteiros e o webdocumentário foi criada uma página virtual para hospedagem das informações e dos filmes, de maneira a agregar valor ao acervo artístico e arquitetônico e a divulgar os resultados do projeto. Oferece, ainda, ao visitante virtual a possibilidade de construir, interativa e autonomamente, o seu próprio roteiro de visitação e de conhecer histórias de pessoas que tem referências de vida nas fortificações. Na atualidade, esta página está situada no portal da DPHCEX (www.dphcex.ensino.eb.br/roteiro-dos-fortes)

Os sítios do projeto

As fortificações da barra da Baía da Guanabara são espaços militares que abrigam unidades em funcionamento. Originalmente edificadas para impedir os ataques dos inimigos, deveriam manter-se afastadas, resguardadas e em prontidão para qualquer ofensa à cidade. Entretanto, os avanços tecnológicos da indústria de armamentos tornaram essas fortificações obsoletas para as formas de ataque mais modernas.

Tal evolução levou à necessidade de ressignificação desses espaços, pois, não se prestando mais para a defesa, não havia razão para as Forças Armadas arcarem com os altos custos de sua manutenção. No entanto, apesar de reduzidas em sua importância bélica, os fortes e as fortalezas mantiveram-se poderosos no imaginário da população. São símbolos de segurança e poder, compreendidos como patrimônio do povo carioca, alguns deles fazendo parte da paisagem por mais de quatro séculos.

Essa condição contemporânea levou o Exército a investir na abertura das fortificações sob seu domínio à visitação turística, apesar da resistência de alguns setores internos, mais tradicionais.

Vale observar que este não é um simples procedimento de instalação de bilheteria, mas trata-se de uma mudança de postura e posicionamento, “do repelir os inimigos, para o acolher os amigos”¹, com impactos significativos na cultura e nos procedimentos militares.

Dessa forma, qualquer proposta de criação de roteiros turísticos envolvendo as fortificações deveria ter atenção às especificidades destes sítios, às condições gerais suscitadas pelo Exército e às condições particulares de cada Unidade Militar envolvida. Deveria estar atenta, ainda, ao grau corrente de abertura das fortificações ao público e às desejadas para o futuro, além de considerar e preservar as características peculiares da cultura militar relevantes para a população e para os visitantes.

¹ Frase de voz corrente, sem autoria definida, repetida por militares em diversas situações, expondo a importância significativa de tais mudanças.

De outro lado, a abertura das fortificações ao público permitiu maior interação com moradores e visitantes, que passaram a vê-las, não só como parte da paisagem, mas também como lugar de estar, de entretenimento e de contemplação. E, para alguns deles, lugares de referência cotidiana.

O projeto de que trata este artigo foi proposto neste momento de abertura à visita turística e visou contribuir tecnicamente, concebendo e sistematizando roteiros, recomendando ações para a intensificação do atendimento e do acolhimento de visitantes e divulgando os atrativos internos e externos.

A metodologia de roteirização dialogal

O principal diferencial relativo à roteirização proposto por este projeto foi o processo de levantamento de dados e de planejamento que considerou: a) os espaços de visita como sítios simbólicos de pertencimento (ZAOUAL, 2006) dos que frequentam regularmente; e b) a construção dos roteiros a partir do diálogo com estes trabalhadores e visitantes. A participação direta destes nas negociações sobre os percursos ou os recursos que se tornarão atrativos nos roteiros são requeridas, pois a presença ou ausência, a ordem ou o tempo de permanência do visitante, pode valorizar ou desvalorizar objetos, lugares, memórias ou relações sociais, e inscrever na percepção dos visitantes – e nas deles próprios – uma (nova?) história (RAMÍREZ, 2011).

A metodologia valoriza a convivência, as relações interpessoais e os encontros significativos e busca transformar a experiência turística em uma experiência singular e única, contribuindo para proporcionar a ruptura com os modelos de turismo industriais e massificados que afetam o uso saudável e ético e a conservação do sítio.

A metodologia, a técnica e os técnicos

A roteirização é uma atividade complexa e que, geralmente, demanda alguma prática para alcançar a eficácia, orientando e garantindo que as visitas ocorram de maneira satisfatória e prazerosa.

Na atualidade, não há um consenso – nacional ou internacional – para o significado do termo *roteiro*, sendo utilizado para definir diferentes conceitos, que, por sua vez, também têm significados diversos, como rotas, itinerários, percurso, caminhos (FIGUEIRA, 2013).

Como aspectos técnicos, compreendem-se a escolha, a priorização e a articulação dos diversos elementos – distâncias, quantidades, tempos, valores – e a consequente composição de um conjunto harmônico possível de ser percorrido ou usufruído. Em termos práticos, na roteirização dialogal, tanto o traçado quanto a hierarquia dos atrativos na organização dos roteiros são estabelecidos a partir da negociação entre os participantes, assessorados pelo conhecimento técnico (EGREJAS, 2014).

A participação dos técnicos do projeto – aqueles que detinham o conhecimento técnico – foi significativa, pois estes funcionaram como elementos agregadores, incentivadores e moderadores dos diálogos, que, em alguns casos, se apresentaram bastante complexos. Funcionaram, também, como guardiões das boas práticas turísticas, mantendo-se atentos às demandas de conservação e de

uso sustentável, atentos à capacidade de carga², à manutenção das leis e preceitos éticos, morais e culturais dos sítios.

Nessa concepção, mostrou-se igualmente importante que os técnicos estivessem dispostos a superar o senso comum ou as visões comerciais, mantendo-se abertos às diferentes possibilidades, pois os traçados ou os pontos sugeridos pelos frequentadores para constar nos roteiros poderiam ser não convencionais ou ainda não institucionalizados como atrativos. Novas propostas ou inovações poderiam sugerir grandes diferenciais no desenho dos roteiros, criando novas atratividades turísticas.

Dessa forma, uma das fases mais significativas do processo e a de levantamento de dados, pois idealmente, além dos dados de infraestrutura necessários aos aspectos técnicos, deve coletar informações, opiniões e sugestões do maior número de pessoas implicadas, buscando alcançar a maior tipologia social ou variedade de categorias possível. Evidentemente, essa diversidade estará submetida às características dos sítios (EGREJAS, 2014, p. 87).

No caso deste projeto, o processo de levantamento de dados foi realizado a partir de entrevistas com especialistas em gestão de fortificações, diálogos com os gestores dos fortes e fortalezas, visitas de campo a iniciativas afins, levantamento do inventário turístico, pesquisa de caracterização do visitante e estudos bibliográficos e iconográficos.

Os dados levantados foram sistematizados a partir de análises que evidenciaram as características de forte atratividade, os pontos que necessitavam de reforço técnico, os diferenciais entre as Unidades Militares participantes do projeto, os valores de atendimento e hospitalidade a serem recomendados.

Esses dados compuseram fichas técnicas categorizadas a partir das informações sobre a visitação, circuitos internos e roteiros de terceiros. As fichas auxiliaram na construção de roteiros atuais (assim chamados os que eram passíveis de serem executados naquele momento, sem qualquer necessidade de alteração), roteiros, circuitos e eventos potenciais (aqueles que necessitariam de algumas mudanças físicas, alterações nos procedimentos internos do Exército ou de investimentos de setores externos, como a colaboração dos Governos Estadual ou Municipal).

Os roteiros criados foram submetidos aos diferentes setores implicados na visitação. Uma vez concluídas as alterações, foram disponibilizados na página virtual do projeto. Este mesmo endereço contém o relatório final enviado ao apoiador, bem como a pesquisa realizada para a caracterização do visitante, de onde foram extraídos os dados referentes à percepção dos visitantes quanto às fortificações. A página abriga, ainda, o webdocumentário, cujo processo de criação está exposto a seguir

O webdocumentário

Nos últimos anos, surgiu uma ampla e diversa gama de produções internacionais de narrativas interativas não ficcionais, que utilizam mídias digitais e exploram a transversalidade de linguagens e plataformas. Em parte, essas obras têm sido reconhecidas em festivais internacionais de documentá-

² Segundo Cifuentes (1992, p. 22), capacidade de carga “é a população máxima de determinadas espécies que uma área pode suportar sem reduzir sua capacidade de suportar essas espécies no futuro”.

rio, como o IDFA (International Documentary Film Festival Amsterdam, Holanda), e incorporadas à pesquisa acadêmica em centros de referência internacional, como o MIT Open Documentary Lab³.

Talvez o exemplo mais significativo seja o Canadá, um dos países pioneiros no desenvolvimento de tecnologias interativas aplicadas aos meios de comunicação com uma forte tradição de inovação no cinema documentário como um todo. O NFB (National Film Board of Canada) é reconhecido internacionalmente como um dos principais núcleos inovadores na criação de conteúdos audiovisuais interativos para a internet. Projetos como *Highrise* e *Welcome to Pinepoint*, premiados internacionalmente, são referências importantes para a criação atual. Em Montreal, três universidades (Université de Montréal, Université du Québec à Montréal, Concordia University) se destacam nas pesquisas sobre documentário interativo e pesquisa-criação e mantém o Hexagram-CIAM, um centro inter-universitário de artes midiáticas, que oferece regularmente formações em webdocumentário. Além dos recursos técnicos e dos conhecimentos da produção audiovisual, do design e da programação de computadores, o desenvolvimento desse campo requer arranjos produtivos da economia criativa⁴ e de redes de incentivo à inovação tecnológica no uso da linguagem.

Autores como Paquin (2006) sugerem ser a interatividade a característica marcante desse tipo de produção. O documentário interativo instaura um processo criativo coletivo, onde o espectador se transforma em interator e participa da criação mediada pelas interfaces das plataformas. Os documentários interativos podem ser vistos como novas formas de documentários. A diferença fundamental é que a interação não acontece apenas nas filmagens, mas na própria recepção da obra enquanto processo. A recepção da obra é incorporada ao processo criativo através das diferentes formas de interatividade (GAUNDENZI, 2013).

O webdocumentário é uma produção estética contemporânea, que tem a recepção, o diálogo e a interferência como eixo que relaciona os sujeitos e suas imagens capturadas, a equipe de filmagem e os equipamentos, o público e a plataforma. Para além de ser um veículo de divulgação, o webdocumentário pode não apenas narrar uma história ou representar uma realidade pré-existente, mas também pode ele mesmo desencadear realidades a partir das interações entre os participantes – narradores, produtores, interatores. Nesse sentido, pode ser visto por uma perspectiva análoga à de Bourriaud (2009) e sua estética relacional. A arte relacional enfatiza a possibilidade de experimentações criativas e do oferecimento de parâmetros menos previsíveis de relações com o mundo, em oposição aos padrões atuais de mercantilização, espetacularização e profissionalização da vida cotidiana e das relações humanas. Em um leque mais amplo de discussão, a obra de Flusser (2008) provoca discussões em relação à produção contemporânea de imagens técnicas e a programação das experiências e do pensamento imagético imposto pelos aparelhos eletrônicos.

É nessa perspectiva que o webdocumentário do projeto se estabelece como uma pesquisa-criação, ou seja, como um projeto de criação que se articula intimamente com um projeto mais amplo de pesquisa. A metodologia do webdocumentário se compõe de diversas abordagens, uma prática definida nos campos das artes e da comunicação como uma bricolagem metodológica (PAQUIN, 2015). Esta composição nos permite articular diferentes metodologias para responder aos aspectos diversos das questões centrais de pesquisa. Nesse sentido, incorporamos princípios e orientações da perspectiva da pesquisa-ação e da cartografia. A cartografia, aliada a princípios das metodologias de

³ Massachusetts Institute of Technology. <http://opendoclab.mit.edu>, acesso em 07/06/2015.

⁴ Como apresenta BRASIL (2012), a economia criativa diz respeito aos setores cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de um produto, bem ou serviço. Nesses, a dimensão simbólica é determinante do seu valor, resultando em produção de riqueza cultural, econômica e social.

pesquisa-ação, orienta a observação participativa. A pesquisa-ação consiste, sumariamente, na articulação entre a pesquisa teórica e uma prática de intervenção. Para Desroche (2006), grande parte das pesquisas sociais foi e ainda é elaborada com o pressuposto de que o pesquisador se encontra fora do fenômeno que ele toma como objeto, onde sua ação está direcionada para a representação teórica daquele fenômeno. Na pesquisa-ação, os pesquisadores se inserem no fenômeno estudado e assumem esse lugar, como co-realizadores da ação estudada. A pesquisa-ação encontra eco na cartografia (PASSOS, KASTRUP, & ESCÓSSIA, 2009 e 2014), que propõe o monitoramento e registro das transformações em um território presente, suas conexões e redes e a implicação do pesquisador nessa rede. Busca uma intervenção e sua validação acontece justamente em função dos efeitos e desdobramentos das ações. Importa, portanto, se a pesquisa tem ou não potência para transformação da realidade.

O processo de produção do webdocumentário Nós dos Fortes (nos do forte.net) iniciou pela idealização da proposta com base nos valores que se desejava evidenciar no projeto Roteiros dos Fortes, em paralelo ao projeto geral de pesquisa. Isso levou à escolha do programa Klynt, que oferece a possibilidade de realizar um produto em html5 – facilmente compartilhado pela página do projeto Roteiro dos Fortes – e disponibilizar caminhos alternativos para a experiência e a leitura hipermidiática do interator. O programa oferece ainda a possibilidade de inserção de elementos do audiovisual, do grafismo, da informática e de outros campos, ampliando a percepção e a participação interativa. Em seguida, foram definidos o formato e os tempos, que indicariam a roteirização dos cinco vídeos (um para cada fortificação) e um minivídeo de introdução.

Com o andamento das pesquisas do projeto em geral, ficou evidente a necessidade de incentivar as diferentes formas de relação já existentes entre os fortes e fortificações e as pessoas e comunidades dos entornos desses sítios simbólicos de pertencimento, nos termos de Zaoual. De acordo com as perspectivas da cartografia, essas conexões foram identificadas como relações que mereciam, não apenas ser registradas ou monitoradas, mas também incentivadas. Optou-se por explorar como temas para o webdocumentário diferentes formas de relação que os frequentadores dos fortes e fortalezas já mantinham com eles. Assim, foram identificadas cinco pessoas que ilustravam diferentes formas de relação, respectivamente um para cada fortificação. Os dados históricos, militares ou institucionais das fortificações não foram apresentados como protagonistas dos vídeos, mas como elemento participante da vida das pessoas, então personagens do webdocumentário.

A partir de então, procedeu-se à identificação de pessoas, moradoras das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói (RJ), cujas histórias de vida apresentassem laços simbólicos de pertencimento evidentes em relação às fortificações. Relativo ao Forte de Copacabana encontrou-se Dario, um aposentado que frequenta o forte com uma identificação de pescador, mas que, sobretudo, utiliza esse vínculo como forma de fazer amigos em sua vida no bairro. No Forte Duque de Caxias, no Leme, a escolhida foi a coordenadora da renomada Colônia de Férias do Forte, que acontece em todo verão: Karina, uma atleta do vôlei de praia. Para o Forte São João, na Urca, foi escolhido um estudante que visitara a fortificação anteriormente. Para Fortaleza de Santa Cruz, um soldado-guia, que mudou sua vida a partir da oportunidade de trabalho como guia na fortaleza. Para o Forte Rio Branco, Luciano, um pescador cuja família vive da pesca na praia do forte por décadas.

Uma vez captadas, as imagens foram tratadas e editadas, buscando conservar a tônica e o clima conferido por cada entrevistado em cada encontro. A linguagem audiovisual favoreceu uma abordagem que destaca os vínculos afetivos vividos pelos personagens com os fortes e fortificações.

A página na web é composta basicamente por um vídeo introdutório, um menu de apresentação do trabalho e dos personagens e informações pertinentes à navegação que são exibidas de maneira interativa e concomitante. Ao assistir aos vídeos – que exploram os vínculos afetivos dos personagens com os fortes – o espectador, agora interator, pode interagir com conteúdos textuais e pode navegar por links informativos tanto da webpágina do projeto Roteiro dos Fortes, como em outras páginas, como aquelas oficiais dos fortes e fortificações. Acredita-se, assim, que o webdocumentário tenha sido muito útil não apenas como ferramenta para se explorar, identificar e conhecer os vínculos entre as pessoas e os fortes e fortificações, mas também como uma forma de potencializar essa diversidade de relações como pontos fundamentais para serem levados em consideração em projetos futuros da DPHCEX e dos roteiros a serem implementados.

Considerações finais

O lugar turístico pode ser considerado um sítio de pertencimento para o morador, frequentador e trabalhador, que abre as suas portas para receber o outro. Esse mesmo lugar pode acolher os visitantes de tal maneira que impacte afetivamente e significativamente, tornando-se um sítio de pertencimento também para estes.

De uma forma ou de outra, importa que a singularidade do sítio seja valorizada e que a circulação de pessoas em visitação respeite a ética local, pois “intervir ou não em dado sítio é uma questão ao mesmo tempo científica e moral. Modelo ou medidas mal ajustados ao sítio podem acarretar sua destruição parcial ou total, sem oferecer a seus atores uma melhoria de sua situação” (ZAOUAL, 2006, p. 54).

Com base em experiências empíricas, este autor observa que a demanda turística vem se mostrando mais exigente, variada e variável, tendendo a se focar cada vez mais na qualidade e na valorização da cultura e do ambiente. Em parte, essa mudança tem como motivadores os avanços tecnológicos e as mudanças de paradigmas. Para ele, o atordoamento contemporâneo está vinculado à perda das referências e pela necessidade que o ser humano tem de pertencimento; a mobilidade e as relações efêmeras proporcionadas pelo turismo tornam isto mais evidente. Por outro lado, observa Zaoual (2009), que a crise também abre perspectivas para os intercâmbios solidários e responsáveis.

Por sua vez, já é possível observar a proliferação de novas concepções de turismo que buscam afastar-se das experiências de turismo massificado que levam à marginalidade econômica e social, à destruição dos referenciais culturais. Turismo solidário, ecoturismo, turismo sustentável, turismo de experiência, dentre outras denominações, em sua maioria, são experiências oferecidas pelos anfitriões que atestam essa mudança de paradigma (ZAOUAL, 2009).

Por fim, vale considerar que, não se pretendeu com esse artigo afirmar a supremacia da roteirização dialogal para a criação de roteiros, mas tão somente apresentar uma experiência de roteirização que ousou tomar como princípio o diálogo e o respeito aos valores e crenças locais, na intenção de contribuir para que tanto visitantes como visitados se vejam implicados no processo de desenvolvimento dos sítios.

Referências bibliográficas

- BAHL, M. (2004). **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Protexto.
- Bourriaud, N. (2009). **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes.
- CISNE, R. D.; GASTAL, S. (2009). A produção acadêmica sobre Roteiro Turístico: um debate pela superação. **Anais** do VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi.
- DESROCHE, H. (2006). Pesquisa-ação: dos projetos de autores aos projetos de atores e vice-versa. Em M. (. Thiollent, **Pesquisa-ação e projeto cooperativo na perspectiva de Henri Desroche** (pp. 33-68). São Carlos: EdUFSCar.
- EGREJAS, M. (2014). **Roteirização dialógica**: a construção de roteiros turísticos com a participação da comunidade local. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Engenharia de Produção / COPPE. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ.
- FIGUEIRA, L. M. (2013). **Manual para Elaboração de Roteiros de Turismo Cultural**. Tomar, Portugal: Instituto Politécnico de Tomar.
- FLUSSER, V. (2008). **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume.
- GALLOWAY, D., MCALPINE, K. B.; HARRIS, P. (2007). From Michael Moore to JFK Reloaded: towards a working model of interactive documentary. **Journal of Media Practice**, 8(3), 325-339.
- GAUDENZI, S. (2013). **The living documentary**: from representing reality to co-creating reality in digital interactive documentary. Goldsmiths University: Tese de Doutorado.
- GIFREU, A. C. (2013). **El documental interactivo**: evolución, caracterización y perspectivas de desarrollo. Barcelona: UOCPress.
- NICOLAS, B. (2009). **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes.
- PASQUIN, L.-C. (2006). **Comprendre les médias interactifs**. Québec: Isabelle Quentin Éditeur.
- PASQUIN, L.-C. (2015). **Méthodologie de la recherche création**. <http://lcpaquin.com/methoRC>. Acesso em 31 de 05 de 2015, disponível em Paquin: <http://lcpaquin.com/methoRC>
- PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. (2009). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina.
- PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. (2014). **Pistas do método da cartografia 2**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina.
- PAZ, A; KLINGER, D. (ago de 2013). Dispositivo, acaso e criatividade: por uma estética relacional do webdocumentário. **Revista Doc On Line**.
- PAZ, A.; SALLES, J. (2015). Entrevista com Sandra gaudenzi, Caixa-preta. Acesso em 31 de 05 de 2015, disponível em Bug404: <http://bug404.net/caixa-preta>
- PAZ, A.; SALLES, J. (2015). Entrevista com Sandra gaudenzi, Caixa-preta. Retrieved 2015 йил 31-05 from Bug404: <http://bug404.net/caixa-preta>
- RAMÍREZ, J. H. (2011). Los caminos del patrimonio. Rutas turísticas e itinerarios culturales. Pasos. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**., vol. 9(n] 2), 225-236.

RAMÍREZ, J. H. (2011). Los caminos del patrimonio. Rutas turísticas e itinerarios culturales. Pasos. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural.**, vol. 9(n] 2), 225-236.

SANTOS, M. (1996). **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção** (4ª ed ed.). São Paulo: Universidade de São Paulo.

TAVARES, A. d. (2002). **City Tour**. São Paulo: Aleph.

ZAQUAL, H. (2006). **Nova economia das iniciativas sociais locais: uma introdução ao pensamento pós-global**. Rio de Janeiro: DP&A, COPPE/UFRJ.

ZAQUAL, H. (2009). **Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições?** Caderno Virtual de Turismo, v.8, n.2, 1-14.

ZAQUAL, H., & ROUSSEL, D. (2012). Saberes e territórios. Uma conjectura do futuro. In R. BARTHOLO, F. J. DUARTE, & C. M. CIPOLLA, **A projeção e seus horizontes: questões contemporâneas para a Engenharia de Produção**. Rio de Janeiro: E-papers.